

# A dívida (e a vergonha)

Fernando Pedreira

“ (...) Isto facilitaria a solução de outro grave problema: a dívida de 600 bilhões de dólares do Terceiro Mundo, que é hoje um enorme peso amarrado às pernas do Ocidente e uma permanente ameaça ao nosso sistema bancário. Alongando os prazos de parte dessa dívida, a juros mais baixos, não só daríamos um impulso adicional à recuperação econômica mundial, como protegeríamos o sistema bancário.

“Não vejo como se possa fazer isso, entretanto, sem uma profunda reestruturação dos débitos dos países do Terceiro Mundo. Seria preciso que os governos do Ocidente dessem aos bancos um certo número de garantias, e que os bancos, por sua vez, estendessem os prazos dos empréstimos e baixassem os juros cobrados por eles.

“Hoje, procuramos resolver o problema por meio de **rolagens** limitadas das dívidas, a juros extremamente elevados, na esperança de que a recuperação do Ocidente estimule suficientemente as exportações do Terceiro Mundo. Esperamos que os países mais pobres se tornem assim capazes de pagar parcelas maiores dos juros e do principal de suas dívidas.

“Mas o fato é que a própria recuperação do Ocidente pode não ser bastante forte, se o Terceiro Mundo não puder importar quantidades apreciáveis de produtos ocidentais. Se examinarmos o crescimento econômico do Ocidente durante a década dos 70, veremos que ele foi alimentado em boa parte pelas nossas exportações para o Terceiro Mundo.

“Um nível crescente de exportações é necessário também agora, mas esse objetivo está em flagrante contradição com a política de austeridade e deflação freqüentemente imposta aos países pobres pelo Fundo Monetário Internacional. Além disso, as pressões sociais criadas por essa orientação deflacionista podem não ser politicamente toleráveis por muito tempo.

“Nossa atual política de renovação de empréstimos foi altamente bem-sucedida, há um ano, evitando o desastre quando o México e o Brasil estavam à beira do colapso. A longo prazo, entretanto, essa política tende a produzir cargas cada vez mais pesadas de dívidas, sem prover os créditos necessários à sustentação do processo de crescimento econômico.

“De um ponto de vista apenas contábil, a política de **rolar** a dívida pode dar ao sistema bancário a aparência de um sadio balanço de contas. Mas isso em nada contribuirá para melhorar a realidade subjacente. As dificuldades do Brasil, ainda agora neste verão, para pagar o serviço de seus débitos, mostram mais uma vez o quanto é precária essa realidade.

“Aconteça o que acontecer, serão necessários ao Terceiro Mundo créditos consideravelmente maiores do que aqueles que o sistema bancário ocidental pode hoje prover. Os volumes de dinheiro já emprestados são simplesmente grandes demais. Há apenas duas maneiras de fazer face a essa situação: ou limitamos os riscos decorrentes dos empréstimos já existentes, por meio de uma reestruturação do tipo da que propus; ou limitamos o risco dos bancos nos novos créditos, por meio de alguma forma de garantia multinacional.

“Só por esse caminho se poderá assegurar os recursos adequados ao crescimento do Terceiro Mundo e do Ocidente, sem impor ao sistema bancário riscos inaceitáveis. São duas faces da mesma moeda” (...)

O autor das considerações acima é Felix Rohatyn, num artigo recente, publicado pela *New York Review*. Rohatyn, como se sabe, é um dos sócios principais da casa bancária nova-iorquina Lazard Frères e é um dos mais respeitados e prestigiados financistas de Wall Street. Foi ele quem, há seis ou sete anos, concebeu e comandou as operações que livraram da bancarrota a cidade de Nova Iorque.

Como se pode ver, Rohatyn procura resolver o problema da dívida do Terceiro Mundo (a nossa é a maior de todas) do ponto de vista do interesse geral, ecumênico. Ele não está interessado em punir devedores relapsos, ou castigar banqueiros gananciosos que não mediram seus riscos e suas responsabilidades. Também não procura defender o interesse dos bancos à custa do insuportável sacrifício sócio-econômico dos mais pobres, nem ao contrário, proteger os mais pobres ao preço do desmoronamento do sistema bancário internacional.

Ele mostra com toda a clareza que a simples **rolagem** da dívida, “a juros extremamente elevados”, tal como agora se faz, pode permitir aos bancos obter bons

resultados **contábeis** (além de produzir gordas comissões para os intermediários e agentes). Mas, não resolve os problemas reais e na verdade os agrava terrivelmente, aumentando cada vez mais a carga da dívida (e os riscos correspondentes), e obrigando países como o nosso a sacrifícios sempre maiores para honrar parcelas cada vez menos significativas do devido.

Rohatyn encara os fatos como eles são e procura os meios de fazer-lhes face, de acordo com o interesse de todos. Suas observações me parecem especialmente dignas de atenção, porque elas mostram, por um lado, o quanto são rasas e míopes as fórmulas até agora preconizadas pelo FMI e, por outro, até que ponto estão perdidos e desorientados os nossos governantes e ministros, claramente incapazes de distinguir os interesses do País e ainda menos de defendê-los.

Basta de intermediários, Rohatyn para Presidente. Ainda esta semana, no curso do presente **round** de negociações em Nova Iorque e Washington, tudo o que conseguem fazer os nossos representantes é mentir, é tentar dourar a pílula e iludir-nos aqui dentro, pois lá fora já ninguém mais se ilude com suas patranhas.

O Ministro Galvêas, por exemplo, teve o desplante de anunciar nos jornais (quarta-feira, dia 10) que as taxas de **spread** estão agora bem mais baixas. E de quanto são essas taxas? Pouco mais de 3%. Em outras palavras: pagamos **spreads** que são de fato dos mais altos do mundo, em qualquer tempo. Nem Ruan-da-Burundi ou o Alto-Volta pagam tanto.

Segundo o mesmo Ministro, as atuais negociações permitirão talvez ao Brasil acumular reservas, já em 1984, da ordem de 3 bilhões e meio de dólares. Reservas contábeis, é verdade, formadas pelas dívidas (incobráveis) da Polônia e de algumas outras nações igualmente quebradas...

Disse o General de Gaulle, certa vez, que o Brasil não era um país sério. Mesmo para um país supostamente pouco sério, entretanto, ministros assim são um acinte e uma vergonha — além de serem também uma inutilidade, pois as patranhas só servem para alguma coisa, enquanto há ainda quem acredite nelas. Fora do Torto, da Granja do Torto.